

DISCIPLINA: CONHECIMENTO E SABER

Suspeita e inquietação como técnicas do saber *

1ª PARTE: SUSPEITA, CURIOSIDADE E INQUIETAÇÃO COMO FERRAMENTAS DE ANÁLISE DO CONHECIMENTO

1.1. *Garabombo, el invisible*

“Então todos comprovaram que Garabombo era verdadeiramente **invisível**. Antigo, majestoso, interminável, Garabombo avançou até o batalhão de choque que bloqueava a Praça de Armas de Yanahuanca. (...) Sem amedrontar-se, Garabombo rumou até as sentinelas. Na esquina, a angústia devastou os camponeses. Viam-no ou não o viam? (...)

_ Não o vêem, sorriu Amador Cayetano, o presidente da comunidade. É **invisível!**

_ Faz sete anos que é **invisível**, sussurrou Melecio Cuéllar.

Ninguém o via! Protegido por sua carne transparente, antes do anoitecer, Garabombo se apoderaria dos planos secretos do batalhão de choque. (...)

_ Pai nosso que estás nos céus, faz que não vejam Garabombo - rezou Sulpicia.

_ Não seja boba, Sulpicia - exclamou Melecio Cuéllar -. Não o vêem! Garabombo pode comer e dormir a seu gosto. E se quiser urinará sobre os guardas. Crerão que está chovendo!”

Esse trecho do romance “*Garabombo, El invisible*”, do peruano Manuel Scorza, ilustra o objetivo dessa aula: mostrar como a inquietação, a suspeita e a curiosidade movem o conhecimento. Tomado como metáfora, a personagem Garabombo é um convite a prestar atenção àquelas coisas que não se vêem comumente; desconfiar que por trás das realidades conhecidas podem existir outros mundos.

Na estrutura do romance de Scorza, a invisibilidade de Garabombo é uma metáfora para a situação das pessoas oprimidas e deprimidas social e psiquicamente na sociedade peruana; Garabombo é a metáfora de quem não tem voz e nem vez. Como líder comunitário, Garabombo é um representante dos *invisíveis* sociais. Conta o livro que, num determinado momento, enquanto atravessava uma ponte, Garabombo se tornou invisível. Curiosamente, no entanto, seus companheiros, familiares e amigos o viam normalmente; mas seus oponentes, não. E aí está o enredo do romance: como um líder comunitário invisível poderá falar, ser visto, reclamar os direitos da comunidade?

1.2. Conhecimentos *invisíveis* nas áreas de saber

Enredos e romances à parte, no contexto dessa aula a história de *Garabombo* interessa naquilo que ajuda a entender a dimensão “invisível” ou oculta do CONHECIMENTO. Dessa forma, *Garabombo* é uma metáfora para a suspeita, a curiosidade e a inquietação como

verdadeiras ferramentas de análise do conhecimento. Será que existem também conhecimentos invisíveis, sem vez e sem voz? Existe um conhecimento-*Garabombo*?

Em todas as áreas do saber há o que se chama *teorias oficiais* e *teorias alternativas*. Nem sempre a convivência entre elas é pacífica! Pensemos, por exemplo, na área da *Economia*, e todo o leque de programas econômicos alternativos, com suas críticas aos sistemas econômicos oficiais. Situações parecidas certamente existem nas diversas áreas do conhecimento; não apenas no mundo acadêmico, mas também na aplicabilidade prática desse conhecimento. Como veremos, basta um pequeno exercício de suspeita e curiosidade para descobrir que a história do conhecimento é, em certa medida, a história do conhecimento *vencedor*. As teorias oficiais podem nem ser as melhores... Além da economia, vejamos mais alguns exemplos nos quais a suspeita e a curiosidade podem descobrir o conhecimento alternativo nas ciências:

AS ARTES: você já reparou que ao lado das grandes exposições de arte, como as Bienais, há sempre uma *Bienal Alternativa*? Os circuitos paralelos promovem artes e artistas que, de forma intencional ou deliberada, estão à margem do circuito oficial das artes. É o conhecimento artístico invisível que se torna visível. Agora: essa arte alternativa é uma arte *menor*? A produção do conhecimento aí está *errado*? Pode ser apenas a arte *que não venceu* – ou que faz questão de não vencer! Aí a suspeita e a inquietação nos levam a descobrir um outro mundo das artes...

AS CIÊNCIAS MÉDICAS: ao lado da medicina alopática, considerada oficial, com suas farmácias, hospitais e laboratórios, há uma rede de medicina *alternativa*, um conhecimento médico não oficial, nem sempre reconhecido, e outras vezes até proibido, mas que pode ser tão ou mais eficaz nos tratamentos de saúde do que os tratamentos convencionais. Pensemos na homeopatia, na acupuntura, na benzedura e, inclusive, na rede de igrejas e religiões que fazem milagres e curas espirituais. É inegável que ao lado da rede de saúde oficial existe uma rede alternativa, com médicos, curandeiros e terapeutas formando um verdadeiro *SUS-Espiritual*. São conhecimentos perigosos? Por que são proibidos? A quem interessa uma única forma de medicina? Quem está ganhando com isso? A suspeita e a inquietação podem levar a descobertas fascinantes...

A TEOLOGIA: Uma pergunta que vive inquietando estudantes de teologia e líderes religiosos é a convivência da doutrina oficial da igreja com outras doutrinas que os fiéis experimentam fora da igreja. O pastor, a pastora ou o padre não tem como controlar a fé do povo o tempo todo, e o que acontece na piedade doméstica ou mesmo dentro da igreja, nem sempre é aquilo que é oficialmente estabelecido. Agora pense um pouco: essa teologia *alternativa* está *errada*? Vive-se aí o limite do objeto da ciência teológica, entre a doutrina e a fé do povo. O teólogo é guardião da doutrina *oficial* ou é guia da fé? O que determina o certo e o errado no mundo da fé? Quem são as pessoas que decidem? Quem tem o poder de interpretar a Bíblia? Quem determinou que essa ou aquela religião ou igreja é a correta? A ferramenta da suspeita aplicada à teologia pode tornar o crer e a fé mais reais e razoáveis...

A HISTÓRIA: É aqui que a suspeita e a inquietação como ferramentas de análise do conhecimento parecem ficar mais evidentes. Pensemos na história oficial do Brasil, com seus heróis Tiradentes, Dom Pedro, Anchieta, Bandeirantes, Caxias, etc. Em seguida pensemos na *História Alternativa* do Brasil, com todas as leituras que vem se fazendo nos últimos anos sobre a história dos Povos Negros e dos Povos Indígenas. Onde estão os heróis negros? Onde estão as

heroínas? Aplicando a ferramenta da suspeita e da inquietação, é realmente um outro conhecimento histórico que se descortina, e surge um outro Brasil.

Enfim: não é preciso muito esforço para ver que se a ferramenta da suspeita e da inquietação for aplicada ao conhecimento científico de maneira sincera, é a ciência que sai ganhando. O princípio geral da suspeita é o seguinte: por trás do conhecimento comum e oficial pode haver algo escondido e mais rico. Pense um pouco: Na sua área de conhecimento certamente existem as teorias oficiais, e também as teorias alternativas. Você não tem curiosidade para descobri-las? O seu professor ou sua professora facilita o acesso a esses conhecimentos?

Como veremos a seguir, curiosidade e suspeita são ferramentas essenciais para o êxito dos seus estudos...

1.3. Curiosidade ingênua e curiosidade crítica – a suspeita epistemológica

Todos somos naturalmente curiosos e inquietos com o mundo. Diferente dos outros animais, que estão fisicamente adaptados ao mundo, o ser humano está desadaptado, e por isso está sempre questionando.

O pensador Rubem Alves, no seu livro *O que é religião*, usa o exemplo do João-de-barro para explicar a vocação humana para a curiosidade e a suspeita. Certamente os mais românticos até poderão ver alguma inteligência na produção das casinhas de João-de-barro, mas todos sabemos que o pássaro faz aquela casa há muitos anos do mesmo jeito, e isso está determinado geneticamente. Não é criatividade nem inteligência do passarinho! Basta ver que o filhote de João-de-Barro não precisa aprender do pai ou da mãe como fazer aquela casa; mesmo que ele fique órfão ao nascer, quando crescer fará a sua casinha, como vem acontecendo a gerações e gerações...

Diferentemente, o ser humano se recusa a ser o que é geneticamente, e por isso cria o mundo, faz perguntas, inventa a cultura, produz o conhecimento. O ser humano é antropologicamente livre; pode fazer da sua vida o que bem quiser. Já os animais, estão predeterminados. Animais não perguntam *Por que*. Já nós, ainda crianças desenvolvemos a famosa FASE DOS POR QUÊS, que em certo sentido nos acompanhará por toda a vida.

Quando a curiosidade natural ou ingênua se transforma em curiosidade crítica, aí se pode dizer que se está diante de uma *estrutura de conhecimento*. Quando a desadaptação original se converte em produção de estruturas de adaptação, aí estamos produzindo conhecimento. A curiosidade ingênua é superada e se torna curiosidade epistemológica ou crítica no momento em que surge o conhecimento científico. Isso acontece graças ao uso de métodos específicos de aproximação às coisas, aos fatos e às ideias. Supera-se então a curiosidade ingênua e se passa a ser epistemologicamente curioso.

É mais uma vez o pensador Paulo Freire que nos guia com ideias sobre curiosidade ingênua e curiosidade epistemológica. No seu livro *“Pedagogia da autonomia”*, à p. 35, ele fala de uma postura “pacientemente impaciente” diante do mundo e das coisas, própria de todo estudante:

“A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como

sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.”

Em outro ponto, à p. 27, Paulo Freire dirá:

“O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto”.

Suspeita crítica nos leva a perguntar por aquilo que está por trás das coisas. Pergunte aí para o seu curso: O que se ensina sobre a *Arquitetura marginal*? Que corrente de pensamento prevalece no ensino da *Administração*? O que os meus professores de *Direito* não estão nos ensinando? Que teorias sobre o sentido da vida são debatidas nas *Ciências Biológicas*? Que práticas de cuidado alternativas são hostilizadas na área da Saúde? Que tipo de visão de mundo e de ser humano está embutida na história do desenvolvimento das tecnologias e das técnicas de construção, de comunicação, de educação?

A suspeita pode ser levantada também diante dos sujeitos do conhecimento: Quem está falando? Por que está dizendo que as coisas são assim? O que ele está querendo dizer com isso? Quem disse que não há outra maneira de pensar?

Se tomarmos o curso superior como *aprendizado para a vida toda*, então, ao dizermos que suspeita e curiosidade crítica são ferramentas essenciais para o processo do conhecimento, então estamos tratando de uma atitude investigativa e questionadora perante a vida toda, e não só em relação à ciência específica do meu curso.

1.4. Rãs e pintassilgos

Para finalizar esse primeiro bloco da aula, acompanhemos uma curiosa parábola contada pelo pensador Rubem Alves. Veja como a repressão da curiosidade e da suspeita podem aniquilar o conhecimento:

“Num lugar não muito longe, havia um poço fundo e escuro, onde, desde tempos imemoriais, se estabelecera uma sociedade de rãs. Tão fundo era o poço que nenhuma delas jamais havia visto o mundo de fora. Estavam todas convencidas de que o universo era do tamanho do seu buraco e ponto final. Eram inúmeras as evidências que corroboravam essa teoria e somente um louco seria capaz de afirmar o contrário. Certo dia, um pintassilgo que voava por ali viu o poço, ficou curioso e resolveu investigar as suas profundezas. Qual não foi a surpresa da ave ao descobrir as rãs! Mais perplexas ainda ficaram elas, pois aquela estranha criatura de penas e asas colocava em cheque todas as verdades secularmente sedimentadas em sua sociedade. O pintassilgo ficou com muita pena das rãs. Como é que elas podiam viver assim, presas no fundo de um poço, sem ter, ao menos, a esperança de poder sair de lá? É claro que a ideia de sair era absurda para os batráquios, pois, se o seu buraco era o universo, não poderia haver um lá fora. E o pintassilgo se pôs a cantar furiosamente. Trinou a brisa suave, os campos verdes, as árvores copadas, os riachos cristalinos, as borboletas, as flores, as nuvens e as estrelas... - o que colocou em polvorosa as rãs,

que se dividiram. Algumas acreditaram e começaram a imaginar como seria lá fora. Ficaram mais alegres e até mesmo mais bonitas. Coaxaram novas canções. As outras fecharam a cara. Afirmações não-confirmadas pela experiência não deveriam ser merecedoras de crédito, alegavam. O pintassilgo tinha de estar dizendo coisas sem sentido, mentiras. E se puseram a fazer a crítica filosófica, sociológica e psicológica do discurso dele. O seu canto seria uma espécie de narcótico? A serviço de quem estaria ele? Ou seria só um louco?

Dúvidas não havia de que o canto do tal passarinho tinha criado muitos problemas. Tanto as rãs dominantes quanto as rãs dominadas não gostaram das ideias que o canto do pintassilgo estava colocando na cabeça da sociedade de rãs. Assim, por ocasião da sua próxima visita, o pássaro foi preso, acusado de embusteiro, morto e empalhado, e as rãs proibidas, para sempre, de coaxar as canções que ele lhes ensinara...”

Esta parábola teve inspiração em um trecho da obra *A República*, de Platão, conhecido como “A alegoria da caverna”. Uma pessoa que se inspirou em Platão é o cartunista Maurício de Sousa. Na história *As sombras da vida*, Piteco para tentar convencer outros homens a saírem de dentro de uma caverna (não se preocupem, pois os homens da caverna não vão matar Piteco – essa história tem um final diferente!).

2ª PARTE: OS MESTRES DA SUSPEITA

2.1. Quem são os *mestres da suspeita*?

Nessa segunda parte da aula faremos alguns breves **exercícios de suspeita**. Vamos nos ocupar com a leitura de curtos trechos de textos clássicos daqueles que são considerados “**Os mestres da suspeita**”: Karl Marx, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche.

A denominação “mestres da suspeita” foi dada pelo pensador Paul Ricoeur, grande filósofo francês do século XX, no seu livro *O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Como veremos, as biografias e obras dos *mestres da suspeita* inspiraram muita gente e seguem nos inspirando na prática de busca do conhecimento. Por que essas grandes figuras das ciências humanas estão ligadas à **suspeita**? O que os três pensadores têm em comum?

Primeiro, todos viveram seu apogeu intelectual no mesmo século, entre 1850 a 1950. Esse pode ser chamado de *Século da Suspeita*, quando o conhecimento passou por profundas transformações. Os *Mestres da suspeita* se empenharam na tarefa de promover um conhecimento que desmistificasse as teorias totalizantes de sua época, especialmente em relação à filosofia, à economia e à teologia.

Outra marca comum dos *Mestres da suspeita* é o fato deles tratarem o conhecimento como local de inquietação social e de denúncia de ilusões. Todos estavam interessados em dar uma interpretação nova para os fatos corriqueiros. Estavam insatisfeitos com o estado da obra na sua área de conhecimento. Com curiosidade epistemológica e suspeitas, acabaram inaugurando novos campos de ciência.

Finalmente, outra marca comum dos *Mestres da suspeita* é a descoberta de certa dependência do ser humano em relação a estruturas ocultas, invisíveis. O ser humano não é sempre livre e autônomo, mas está preso a forças incontroláveis dentro de si e ao redor de si. Essa

dependência vale tanto para a estrutura do conhecimento como para a vida pessoal. Justamente por isso, aliás, os *Mestres da suspeita* continuam extremamente importantes para o processo de conhecimento ainda hoje.

2.2. MARX – o mestre da suspeita *ideológica*

O primeiro mestre da suspeita é Karl Marx (1818-1883), considerado o fundador da ciência política e da economia contemporâneas. Era um grande intelectual, e desenvolveu pesquisas também na área de História, Física e Sociologia. Estão associadas a ele teorias como *luta de classes, alienação, modo de produção, mais valia, etc.* Marx inaugura a crítica ideológica ao sistema capitalista e à assim chamada *naturalidade* das relações de dominação entre as classes. Nessas formulações, ensina como se deve *suspeitar* que nossas ações, inclusive aquelas ligadas ao desejo e ao consumo, são comandadas por superestruturas que são manifestações das infraestruturas do regime de dominação capitalista. Marx suspeitou do capitalismo e das forças alienantes das relações de trabalho e produção, e, a partir daí, reivindicou uma nova ordem mundial.

Uma frase paradigmática da importância da obra marxista para as teorias do conhecimento ilustra a lápide de Karl Marx, evidenciando sua urgência prática:

“Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras, enquanto que o objetivo é mudá-lo.”

Uma boa descrição do trabalho de Marx em prol do conhecimento foi dada por seu inseparável companheiro intelectual Friedrich Engels, como discurso de homenagem póstuma diante do túmulo de Marx:

“Marx era, antes de tudo, um revolucionário. Sua verdadeira missão na vida era contribuir, de um modo ou de outro, para a derrubada da sociedade capitalista e das instituições estatais por esta suscitadas, contribuir para a libertação do proletariado moderno, que ele foi o primeiro a tornar consciente de sua posição e de suas necessidades, consciente das condições de sua emancipação. A luta era seu elemento. E ele lutou com uma tenacidade e um sucesso com quem poucos puderam rivalizar. (...)

Como consequência, Marx foi o homem mais odiado e mais caluniado de seu tempo. Governos, tanto absolutistas como republicanos, deportaram-no de seus territórios. Burgueses, quer conservadores ou ultrademocráticos, porfiavam entre si ao lançar difamações contra ele. Tudo isso ele punha de lado, como se fossem teias de aranha, não tomando conhecimento, só respondendo quando necessidade extrema o compelia a tal.

E morreu amado, reverenciado e pranteado por milhões de colegas trabalhadores revolucionários - das minas da Sibéria até a Califórnia, de todas as partes da Europa e da América - e atrevo-me a dizer que, embora, muito embora, possa ter tido muitos adversários, não teve nenhum inimigo pessoal”.

2.3. FREUD – O mestre da suspeita *inconsciente*

Outro mestre da suspeita é Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da psicanálise. Era médico neurologista, e inaugurou a crítica psicológica do ser humano, de suas relações e da sociedade. Freud nos leva a suspeitar que nossas ações são fruto do inconsciente, e que essas ações estão ligadas à sexualidade. Todo mundo conhece um pouco de sua obra ao se referir ao “complexo de Édipo”, característica geral dos meninos, que desenvolveriam atração pela mãe e hostilidade ao pai. Embora polêmico e contestado, Freud tornou-se decisivo porque usou da suspeita e da inquietação em relação ao conhecimento acumulado em sua área de saber. Sua grande ideia é que somos movidos por aquilo que ele denominou *inconsciente*. Freud suspeitou da força do sistema racional e da consciência, entronizando o papel do sistema inconsciente na vida – a partir do que descobrimos que não nos conhecemos plenamente.

Veja dois trechos de sua obra “*O futuro de uma ilusão*”, onde tece duras críticas à religião, realizando um contestável porém necessário trabalho de suspeita e inquietação frente àqueles sistemas religiosos infantilizadores, de ontem e de hoje:

“Quando já se viveu por muito tempo numa civilização específica e com frequência se tentou descobrir quais foram as suas origens e ao longo de que caminho ela se desenvolveu, fica-se às vezes tentado a voltar o olhar para outra direção e indagar qual o destino que a espera e quais as transformações que está fadada a experimentar. Logo, porém, se descobre que, desde o início, o valor de uma indagação desse tipo é diminuído por diversos fatores, sobretudo pelo fato de apenas poucas pessoas poderem abranger a atividade humana em toda a sua amplitude. A maioria das pessoas foi obrigada a restringir-se a somente um ou a alguns dos seus campos. Entretanto, quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se o seu juízo sobre o futuro. E há ainda uma outra dificuldade: a de que precisamente num juízo desse tipo as expectativas subjetivas do indivíduo desempenham um papel difícil de avaliar, mostrando ser dependentes de fatores puramente pessoais de sua própria experiência, do maior ou menor otimismo da sua atitude para com a vida, tal como lhe foi ditada pelo seu temperamento ou pelo seu sucesso ou fracasso. Finalmente, faz-se sentir o fato curioso de que, em geral, as pessoas experimentam o seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre o seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a uma certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro”.

“[As ideias religiosas] são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos. (...) Ilusão não é a mesma coisa que um erro. (...) O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos (...) As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade. (...) Todas elas [as crenças religiosas] são ilusões e insuscetíveis de prova. Ninguém pode ser compelido a achá-las verdadeiras, a acreditar nelas. Algumas (...) [são] delírios”

“A religião é comparável a uma neurose da infância. (...) A humanidade superará essa fase neurótica, tal como muitas crianças evoluem de suas neuroses semelhantes”.

2.4. NIETZSCHE – o mestre da suspeita do *sentido*

O pensador que fecha o trio dos *Mestres da suspeita* é Friedrich Nietzsche (1844-1900), considerado o fundador da filosofia contemporânea, e um dos mais polêmicos intelectuais de todos os tempos. Trabalhou como uma espécie de *desnudador* das pretensões totalizantes do ser humano. Sua crítica era contra quem queria conhecer tudo. Ao refletir sobre o conhecimento que quer explicar-dominar a natureza, Nietzsche mostra como a natureza não precisa do ser humano para ser. O conhecimento seria aí uma estratégia de sobrevivência do ser humano diante da imensidão da natureza. Nietzsche inaugura a crítica ao sentido da própria inteligência e do conhecimento. *Nihilismo* é a palavra chave de seu pensamento, que traduzida literalmente significa “nada”, ou “vazio”. Significa que nem tudo precisa ter uma finalidade ou resposta ao ‘porquê’; e, sobretudo, significa que o sentido e o porquê não está fora ou além da vida, como em Deus, mas na vida em si mesma. Assim, Nietzsche nos leva a suspeitar que nossas ações e nossos comportamentos, inclusive os acadêmicos, estão, muitas vezes, enquadradas numa moral utilitarista e, por isso mesmo, ressentida. Com essa palavra *nihilismo*, Nietzsche suspeitou da força negativa das estruturas que dominam o conhecimento do mundo, reivindicando uma inversão de valores.

Confira um trecho da obra “*ECCE HOMO - Como tornar-se o que se é*”:

“Derrubar ídolos - isso sim, já faz parte do meu ofício. A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, com ela a humanidade mesma se tornou, até em seus mais profundos instintos, mentirosa e falsa.

A procura por tudo o que é estrangeiro e problemático na existência, por tudo aquilo que até agora foi exilado pela moral. Quanto de verdade suporta, quanto de verdade ousa um espírito? Cada conquista, cada passo avante no conhecimento decorre do ânimo, da dureza contra si, do asseio para consigo... Pois até agora o que se proibiu sempre, por princípio, foi somente a verdade.

Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas um aluno. Transtocar perspectivas: primeira razão pela qual para mim somente, talvez, é possível em geral uma "transvaloração dos valores".

Fiz de minha vontade de saúde, de vida, minha filosofia. Um homem bem logrado advinha meios de cura contra danos, utiliza acasos ruins em sua vantagem: o que não o derruba torna-o mais forte. Está sempre em sua companhia, quer esteja com livros, homens ou paisagens.

Aqui precisamente é preciso começar a reaprender. Aquilo que até agora a humanidade ponderou seriamente nem sequer são realidades, são meras imaginações, ou, dito mais rigorosamente, mentiras provenientes dos piores instintos de naturezas doentes, perniciosas no sentido mais profundo - todos os conceitos "Deus", "alma", "virtude", "pecado", "além", "verdade", "vida eterna", ...

Uma coisa sou eu, outra são meus escritos. Não quero ser confundido - isso implica que eu próprio não me confunda.

Ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido.

Quem acreditou ter entendido algo de mim, havia ajustado algo de mim à sua imagem - não raro um oposto de mim, por exemplo, um "idealista".

* *Texto de Adilson Schultz.*